



Coleção de Literatura
Brasileira

.....

Introdução

Joaquim Nabuco foi decerto o primeiro homem público brasileiro a descobrir-se com a própria mão de grande escritor; e em autobiografia tão psicológica como sociologicamente valiosa, além de notável pela sua qualidade literária. Uma das expressões mais altas da literatura em língua portuguesa.

Apenas Joaquim Nabuco, escrevendo *Minha Formação*, descobriu-se somente pela metade. Conservou para si mesmo, ou dentro de si mesmo, a outra metade do todo semi-revelado: aquela que a sagacidade dos biógrafos vem procurando desvendar; e da qual talvez o próprio Nabuco não se apercebesse, senão em parte, ao escrever o mais sugestivo dos seus livros.

Para o Brasil da época em que apareceu, *Minha Formação* foi livro um tanto escandaloso, por ter sido, para muitos, cheio de louvor em boca própria. Não faltou quem acusasse o autor de deselegante narciso. Nem quem estranhasse em fidalgo tão

autêntico o que a vários dos seus críticos pareceu mau gosto: o mau gosto de escrever um homem da responsabilidade de Joaquim Nabuco todo um livro acerca de si mesmo; e de escrevê-lo com mais complacência do que rigor crítico, acerca daquela metade, menos da sua pessoa do que da sua vida, mas capaz de sugestionar a seu favor a elite e o público mais culto do seu País.

Não se compreendia então, sem-cerimônia dessa espécie. Era contra as melhores convenções que regulavam o comportamento quer de homens públicos, quer de escritores ilustres. Repugnava aos melhores mestres brasileiros de bom-tom que um indivíduo elegante escrevesse de si próprio: da sua própria formação. Faziam-no franceses, ingleses e russos, é certo: os últimos indo ao extremo de recordar suas deformações. Mas eram estrangeiros. Se, no Brasil, José de Alencar contara já aos seus leitores como e por que se tornara romancista, fizera-o discretamente em poucas páginas; e quase limitando-se a recordar seus experimentos literários num gênero -- o da ficção -- que não adquirira ainda, entre os brasileiros, plena dignidade intelectual. Pelo que, era até ato de humildade um homem público da importância do autor de *Iracema* dizer-se romancista explicando por que vinha escrevendo romances com mais gosto do que proferindo discursos no Parlamento ou redigindo pareceres jurídico-políticos.

A Joaquim Nabuco não faltou a coragem de deixar claro, na sua parcial mas expressiva autobiografia, que nascera fidalgo; que crescera menino de engenho aristocrático, à sombra de uma madrinha um tanto matriarcal, pela imponência de sua figura e pela amplitude do seu prestígio; e, ainda, que se fizera homem público, por vocação apolíneamente patricia para a alta política, já praticada por seu pai "na mais alta hierarquia..." A verdade, porém, é que essa vocação o levava, na mocidade, a atividades antes dionisíacas do que apolíneas, de "reformador social", por ele deixados um tanto na sombra ao escrever *Minha Formação*. Pois mais do que simples abolicionista ele se afoitara a ser, quando jovem, "reformador social", contra os interesses da própria casta -- a nobreza territorial, a aristocracia escravocrática, a elite de brancos e quase brancos do império agrário -- a que pertencia. E ao proceder assim, o processo do seu comportamento talvez tivesse sido um processo de *deformação*, em relação com o que foi, ortodoxamente, antes e depois dos seus dias de abolicionista, norma de *formação*, no desenvolvimento geral da sua person-alidade. Daí, talvez, deixar de dar demasiado relevo nas suas recordações um tanto renanianas de infância e de mocidade, aos seus excessos dionisíacos -- ou assim considerados pelo Nabuco apolíneo que escreveu *Minha Formação* -- de "agitador social"; revolucionário em várias das suas idéias político-sociais; herético em algumas das suas atitudes com relação à Igreja; a negação do intelectual con-formado com a ordem estabelecida no seu país em não poucas das inovações que pleiteou, para o Brasil, como homem

público de feitio literário, em comícios no Recife e em discursos na Câmara. Ponto a que voltaremos.

"Está aí muito da minha vida", escreveu o próprio Nabuco ao prefaciar *Minha Formação*. Muito: mas não a sua vida tanto quanto possível completa. Mesmo assim talvez tenha se exagerado ao escrever "muito da minha vida". O que consta de *Minha Formação* é apenas parte de uma grande vida. O que aí se revela é apenas parte de uma complexa personalidade. "As lacunas deste livro", também as re-conhece Nabuco no mesmo prefácio. Mas sem especificá-las. A verdade é que são muitas do ponto de vista autobiográfico.

Confessa, é certo, ter estado por "vinte e tantos anos" afastado do catolicismo -- depois de haver entrado na Academia de Direito com "a fé católica ainda virgem"; confessa ter sido invadido, ainda no colégio, "pelo espírito de rebeldia e independência" que se aguçara no estudante de Direito, na Academia; que o faria contrapor, às vezes, o "seu modo de pensar" ao do próprio pai. Confessa, ainda, ter fundado, no seu primeiro ano de estudante de Direito, em São Paulo -- e ainda contra a vontade e as idéias do pai -- "um pequeno jornal para atacar o Ministério Zacarias".

Foi, como tantos outros, um filho em revolta contra o pai. Um filho contra o pai, por avidez de "impressões novas". Também um filho revelado contra a Santa Madre Igreja -- talvez pela

mesma avidez de idéias novas. Mais: foi um americano libertário revoltado contra o apego -- por alguns críticos considerados simples expressão de transoceanismo, de muitos dos brasileiros daqueles dias à Europa materna. Esse apego, à Europa materna, segundo o imaturo Nabuco de vinte anos, deveria ser substituído pela admiração pelos fraternais Estados Unidos: a Europa era "velha"; a "América" [isto é: os Estados Unidos], "jovem".

Tal desprezo pela "velha Europa" verificou-se por in-fluência, na formação do então jovem brasileiro -- formação que às vezes terá sido deformação -- de um europeu: certo francês, Laboulaye, que tendo tido a sua voga, breve e até efêmera, entre jovens ou imaturos brasileiros, do tempo do Segundo Reinado, tornou-se escritor ignorado. Medíocre, superficial, raso, não merecia outro destino. Mas a verdade é que chegou a deformar brasileiros do tempo do Império, levando-os a um radicalismo republicano inspirado no exemplo de uns Estados Unidos, para ele Laboulaye, messiânicos. Um desses brasileiros -- repita-se -- Joaquim Nabuco. Sob essa e outras influências, foi Joaquim Nabuco, na primeira mocidade, um radical para quem o relativo -- confessa -- não existia. Até que ocorreu-lhe a aventura da primeira viagem à Europa; e com ela a verificação, com os próprios olhos, de que "as paisagens todas do Novo Mundo" não igualavam, para um americano, como ele, em quem o "sentimento" era brasileiro, mas a "imaginação" -- sem Nabuco o saber até então --européia, "uma volta

da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre".

Marcou-lhe de tal modo a Europa o sentido da vida, da arte, da política, que ao viajar, depois de conhecer vários países europeus, pelos Estados Unidos, verificaria fazê-lo sob "a influência européia". E contraditório, como quase todo indivíduo ainda em formação, concluía, passando de um exagero a outro, que nenhuma "cultura superior", para ser "perfeita e completa", precisava, na "ordem intelectual e moral, compreendendo a arte", de adquirir qualquer "contingente americano". Conclusão que ele próprio retificaria no fim da vida: depois de descrita *Minha Formação* e ao tornar-se entusiasta --segundo Oliveira Lima, excedendo-se nesse entusiasmo -- não só do pan-americanismo como dos próprios Estados Unidos. O equilíbrio à custa de compensações por vezes entre extremos.

A formação de Joaquim Nabuco não parou aos cinquenta anos: idade em que deu forma definitiva à *Minha Formação*. Este livro, Nabuco parece o ter escrito, pensando com Montaigne, que já se dera bastante aos outros; e que tinha o direito e, talvez, o dever de, à base das experiências por ele já vividas, dar-se principalmente a si mesmo, contemplando-se, analisando-se, aperfeiçoando-se no seu modo interior de ser, escrevendo a história da sua própria vida ou da sua própria pessoa sem temer a acusação de narcisismo da parte de críticos mais ou menos